

GEÓLOGOS PIONEIROS DE PERNAMBUCO (1960/61)

Por Luis Siqueira

Define-se como estadista o político que, sem prejuízo da geração a que pertence, lança os fundamentos das gerações futuras.

Nesse mister a história pátria registra, como capazes de serem considerados estadistas, o imperador Pedro II, o Gaúcho Getúlio Vargas, o cearense Castelo Branco e o mineiro Juscelino Kubistechek de Oliveira.

Da mente e das mãos do presidente Juscelino foi concebida e implementada a decisão de formar geólogos. Para tanto, e muito em acordo com seu estilo e temperamento arrojados, criou imediatamente a Campanha de Formação de Geólogos - CAGE, vinculada diretamente á Presidência da Republica. Foram estabelecidos quatro Cursos de Geologia em todo o país: Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

Em dezembro de 1957 foram publicados nos jornais os editais que convocavam os jovens estudantes para prestarem os exames vestibulares. Estes foram realizados no prédio da então reitoria da Universidade do Recife, no parque 13 de Maio. Foram realizadas provas escritas e orais. Poucos dias depois foram publicados os resultados. Haviã sido aprovados 19 pretendentes: Adel Barreto, Alvimir Alves de Oliveira, Egmar Hermann Rocha de Oliveira e Silva, Everaldo Zeferino Vieira de Melo, Heronides Dantas de Barros, Iran Ferreira Machado, José Adriano Leão Coelho, José Afrânio Vasconcelos Carneiro, José Alves Tenório, José Artur Calheiros de Mello, Luciano José de Siqueira Campelo, Luiz Peixoto de Siqueira, Luis Siqueira, Marcello Coimbra de Castro, Mauricio Cardoso do Rego, Pedro Gomes de Melo, Vicente Martins de Lima, Waldemir Barbosa da Cruz e Paulo Fernando de Albuquerque Queiroz (falecido no primeiro ano do curso).

Destes, apenas 17 colaram grau como a primeira turma de Geologia. O colega Luciano colou grau um pouco depois, devido a algumas pendências acadêmicas por resolver. O colega Paulo Fernando de Albuquerque Queiroz faleceu ainda ao final do primeiro ano de estudos. Toda a turma, entretanto, considera a ambos como pioneiros e integrantes da primeira turma de geólogos do Brasil, juntamente com os colegas gaúchos, cariocas e paulistas.

Ao longo dessa despreziosa narrativa, será demonstrado o porquê da menção de apenas dezenove componentes da primeira turma, e não de todos aqueles que a Secretaria relaciona como tendo concluído o curso em 1961.

Ver-se-à que esses primeiros dezenove constituíram um grupo, a um só tempo, de vítimas, de heróis e de homens dignos. Foram esses dezenove alunos que votaram o código de honra de não “filar” nas provas. (alguns chamam de “colar”).A ponto de alguns professores apresentarem as provas e se retirarem da sala.

As aulas começaram em abril de 1957. O ritmo era alucinante. Nove horas de aulas por dia. Aos sábados, cinco horas de aulas práticas, pela manhã. Restavam as noites, o sábado à tarde e o domingo para o descanso, lazer e preparação de tarefas e estudo para testes e provas.

O curso seriado se constituiu no primeiro ano, de matérias básicas de ciências exatas, além de Biologia, Geografia Física, Geografia Econômica e Inglês. Da área profissional apenas Geologia Geral e Topografia.

Como não havia geólogos no Brasil, a CAGE se utilizou dos bons préstimos do Itamaraty para convidar professores da França, Alemanha e Estados Unidos para ministrarem matérias específicas profissionais aos futuros geólogos.

Percebia-se que pairava no ar, um consenso por entre o corpo docente de que os alunos teriam de ser solicitados ao máximo devido ao fato de receberem uma bolsa de estudos, à época, equivalente a 3 ou 4 salários mínimos. Sua única ocupação, portanto, seria: estudar.

Essa pressão colheu a primeira vítima na pessoa de nosso colega Paulo Fernando de Albuquerque Queiroz. Outros colegas, nas férias do final do ano foram literalmente para o “estaleiro,” em repouso regenerador.

Contava-se que Paulo Fernando, dotado de excelentes qualidades, deixara de cuidar de sua saúde para transferir as sobras financeiras de sua bolsa para cuidar de seu avô. A ausência da continuidade de seu tratamento e o regime intelectual e fisicamente estressante do Curso findaram por vitimá-lo. Foi ele o nosso primeiro herói. Éramos quase todos, muito pobres. Nossas bolsas era tudo o que tínhamos.

Durante o segundo ano do Curso se verificou a predominância das matérias geológicas. Muitas excursões para observação e treinamento em campo. Bússola, martelo, mapas, prancheta e fotografias aéreas eram as principais ferramentas de estudo e trabalho. O segundo ano coincidiu com uma forte estiagem que castigou o semi-árido e o agreste nordestino. Em uma excursão que atravessou o Agreste, e o Cariri paraibano, em demanda do Seridó no Rio Grande do Norte, muitos de nossos colegas, que nunca havia posto os pés fora do Recife, foram confrontados com as cenas chocantes e revoltantes de homens andrajosos e famintos, trabalhando esqueléticos nas “frentes de serviço”. Alguns estendendo suas mãos a implorarem alimento. Apesar da seca, que a todos atingia, éramos sempre recebidos com afeto e consideração nas cidades onde estabelecíamos sede para os trabalhos/estudos de campo.

O terceiro ano do Curso começou a moldar os primeiros contornos dos futuros profissionais. Neste ano já se podia perceber o que haveria de ser a profissão, e quais as tendências preferenciais de cada um. Os esboços dos primeiros trabalhos se assemelhavam a produtos de profissionais de outros países. A propósito, lembro-me de que, no ano de 1966, cumprindo um período de estudos em Denver, Colorado, no Estados Unidos da América, patrocinado pela UNESCO, tive oportunidade de examinar uma cópia da tese de mestrado de um geólogo brasileiro. Ele concluía sua tese na internacionalmente renomada Colorado School of Mines, em Boulder. Qual não foi a minha surpresa ao notar que aquele trabalho equivalia aos que eram produzidos pela turma de estudantes do 3º ano de Geologia do Curso de Geologia da CAGE - Universidade do Recife, em 1959.

Naquele tempo não tínhamos ainda, o auxílio das ferramentas orbitais eletrônicas, a serviço da Geologia, nem no Brasil, e nem mesmo nos Estados Unidos da América. A comparação dos trabalhos acima mencionados se fazia, pois, e exclusivamente, através do esforço e conhecimento individual de cada estudante, ou de cada profissional. As ferramentas de trabalho ainda eram as mesmas para todos os geólogos do mundo.

O ano de 1960, o quarto ano de Geologia, que prometia terminar lançando no mercado os primeiros geólogos do Brasil, não logrou esse êxito no Curso de Geologia do Recife. Um grande mal estar, se instalou entre os alunos recifenses e o professor Max White, oriundo dos Estados Unidos para lecionar no Recife, sob o patrocínio de um programa de Cooperação Bilateral Brasil Estado Unidos, chamado Ponto IV.

O referido professor, que lecionava Geologia Econômica, resolveu eliminar alguns alunos da turma que, a seu exclusivo critério, não deveriam concluir o curso. Para tanto utilizou um método inaceitável, pois colocou notas baixas em quem ele desejava eliminar e notas altas-normais - diferidas a quem ele desejava aprovar. O chocante de sua atitude é que, para alcançar o seu objetivo, ele utilizou uma prova prática de identificação de 10(dez) amostras minerais. A Mineralogia se caracteriza por ser uma ciência exata que demanda principalmente e preponderantemente, (mas não exclusivamente) a Química, a Física e a Geometria. Entretanto, o teste apresentado nada tinha de complexidade que demandasse conhecimentos de cristalografia ou de ótica, por exemplo. Tratava-se de identificar “manualmente”, como ocorre no campo, minerais bem conhecidos como quartzo, rutilo, hematita, entre outros. Acredita-se que, se algum mineral deixou de ser identificado, não passou de 1 ou 2, o que já significaria uma nota 9 ou 8.

No entanto, o professor Max White conferiu notas baixas àqueles a quem ele queria reprovar, mesmo que esses tivessem acertado 9 ou 8 identificações.

A turma protestou. Os alunos “aprovados” foram solidários aos “reprovados” em reação natural à arrogante, prepotente e injusta eliminação dos colegas. Mesmo com prejuízo para alguns, como o que subscreve estas linhas, que já dispunha de garantida bolsa de estudos para realização de Tese de Mestrado nos Estados Unidos da América, tão logo fosse diplomado.

O movimento foi divulgado, e combatido pela imprensa recifense. A Revista Time estampou o movimento como sendo de jovens esquerdistas do Recife, e, finalmente, o então Presidente da República, Jânio Quadros, em mais um de suas vassouradas étlicas, reprovou por Decreto presidencial, toda a primeira turma de Geologia do Recife, uma das 4(quatro) do Brasil. Achou pouco e cancelou a bolsa de Estudos que sustentava a quase totalidade dos alunos da primeira turma. Percebe-se que seu desejo era “varrer da face da terra” os “esquerdistas” recifenses.

Não se passou assim, todavia. A Universidade permitiu que os alunos pudessem repetir o ano, o que fizeram então tendo por colegas os estudantes, hoje geólogos, Abel Tenório Cavalcante, Abelci Daniel de Assis, Aroldo Alves de Melo, Emanuel Wanderley Duarte, Expedito Paiva G. de Carvalho, Geraldo de Azevedo Gusmão, Geraldo França Ribeiro, Jessé Gomes de Sá, José Antonio Teixeira, José Bernardino de França, Marcelo de Barros Oliveira, Paulo da Nóbrega Coutinho, Sylvio Péricles de Barros Oliveira e Zenaide Soares da Fonseca.

Os dois professores americanos haviam voltado às suas funções no Ponto IV. O outro professor, John Stark, que ensinava Geologia Estrutural e Geologia de Campo era um poço cheio de simpatia e muito amado pela primeira turma. Mas, como empregado do governo americano, teve que acompanhar seu colega Max White.

Dos professores brasileiros se verificou, em quase todos, uma velada solidariedade aos alunos vitimados pela prepotência de Max White, e por mais uma sandice do presidente vassoura, o

qual, pouco tempo depois haveria de renunciar à presidência, lançando o país em uma incontrolável instabilidade política.

Podemos afirmar, passado quase meio século, que a maldade perpetrada pelo presidente Jânio Quadros para com a turma de Geologia de 1960 “foi pinto”, para usar a gíria da época, em comparação ao que ele fez à nação brasileira.

Quanto à turma reprovada, uns foram trabalhar a noite, outros receberam ajuda do insigne pernambucano José Hermirio de Moraes, outros tiveram que sacrificar suas famílias com encargos financeiros extras.

A verdade é que, pela graça de Deus, boa vontade dos homens e sacrifício dos reprovados por Decreto, a turma de Geologia de 1960, se irmanou com a turma de Geologia de 1961 e colaram grau em dezembro deste mesmo ano.

Ao longo desses 45 anos, ainda hoje, muitos deles continuam a contribuir para o engrandecimento dessa terra tão querida, o Brasil.

Para a memória dos que adentram hoje as Universidades em busca da formação em Geologia e Ciências afins, os veteranos de 1960 deixam os exemplos de patriotismo, em um mundo separado em blocos; de honradez, em um país onde medra a corrupção; e de competência, em um país que vê o ensino superior mergulhar, a cada dia, no mercantilismo e na mediocridade.

Cabe somente aos próprios estudantes, se mobilizarem, mesmo à custa de heróico sacrifício como os geólogos de 60, em prol de uma maior responsabilidade por parte das Faculdades, Universidades e Governos, exigindo desses a extinção das práticas de rebaixamento do nível do aprendizado universitário, sob a falsa premissa de que se intenciona estender socialmente os benefícios do ensino superior. Como se está verificando atualmente, cresce o número de diplomados e multiplica-se o contingente de incompetentes.

A continuar como estamos, ficaremos “ eternamente em berço esplendido.”